

A CAIXA DE PANDORA

Quando abriu
O Homem a Caixa de Pandora,
Os fantasmas libertaram-se, desnaturando os planos do construtor.

Nas planícies irrigadas do Eufrates,
Aravam os cultivadores,
Degustando o solo - margem a margem -,
Colhendo, entre os pastores de ovelhas e cabras, os frutos
Que a natureza provia, enquanto os artesãos afiavam as ferramentas
Do progresso e os escribas compilavam para a linguagem escrita
O que até então era fruto da oralidade, quando das montanhas desceram
[os salteadores,

E com suas pragas secaram o solo,
Macularam o templo, profanaram os deuses
E brandiram os khopeshes contra a crueza dos corpos,
Encharcando de sangue mil almas...

O tempo viajou,
A paz criou os feudos,
Os feudos as cidades-estados;
As mãos entrelaçaram-se e os antebraços deram-se
Na dança dos salões, quando chegou a cobiça,
Avançando sobre os iguais...

(A fé queimada nas fogueiras da inquisição)...

De novo viajou o tempo,
O moderno abraçou o Homem,
E o Homem abraçou o moderno
Sem, contudo, livrar-se dos salteadores...

Os inquisidores mantêm-se,
Mantendo acesas as tochas que acenderão
A lenha, enquanto busca o Homem o portador da chave capaz de fechar
[a Caixa de Pandora,
Resgatando os fantasmas que os planos do construtor desnaturaram...